



BRASIL REAL – CARTAS DE CONJUNTURA ITV. PUBLICAÇÃO QUINZENAL, Nº 7, AGOSTO DE 2007

Brasil de Lula é paraíso dos bancos

Síntese: *Os novos balanços publicados pelos bancos comprovam que este continua a ser o segmento mais rentável da nossa economia. Nos anos Lula, os 50 maiores bancos já lucraram R\$ 110 bilhões. Só a aplicação em títulos públicos, remunerados a mais alta taxa de juros do mundo, rendeu R\$ 330 bilhões às maiores instituições financeiras desde 2003. A rentabilidade dos bancos brasileiros deixa para trás até seus similares americanos, cuja média é cerca de 50% menor.*

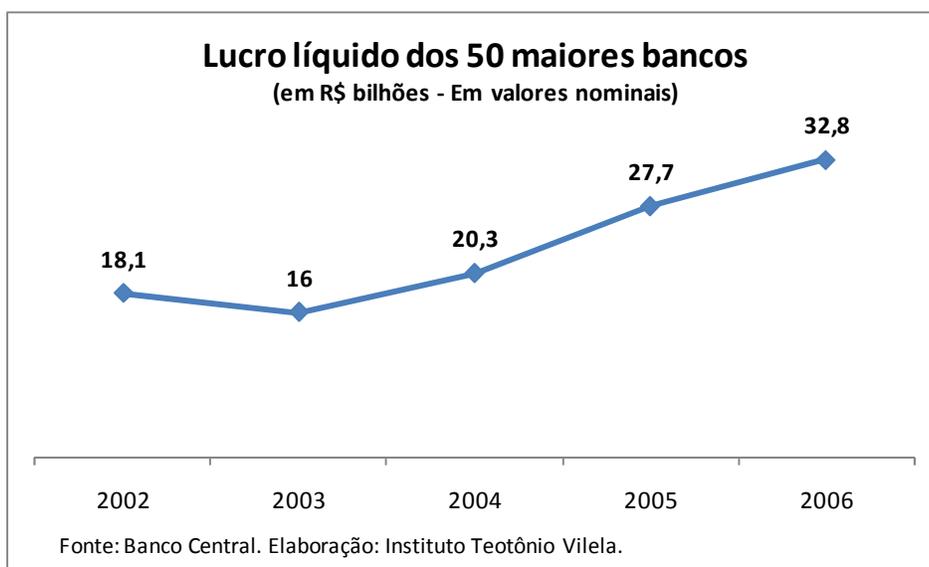
No Brasil de Lula, produzir não tem sido a melhor opção para quem procura ganhar dinheiro. Nos últimos quatro anos, o sistema financeiro tornou-se a fonte mais vistosa de ganhos fáceis. A nova temporada de divulgação dos balanços dos bancos mostra que, no governo petista, a atividade continua imbatível como manancial de lucros. Os banqueiros não têm do que reclamar: nunca antes neste país embolsaram tanto rendimento.

Em valores nominais, ou seja, sem considerar a inflação, os 50 maiores bancos já lucraram R\$ 110 bilhões desde que Lula assumiu a presidência da República, em 2003. Os ganhos são crescentes. No ano passado, chegaram a R\$ 32,8 bilhões, ou 81% acima do que foi registrado no último ano da gestão Fernando Henrique, em 2002 – naquela ocasião, a soma foi de R\$ 18,1 bilhões.

Tais números ainda não contemplam o desempenho de todos os bancos no segundo trimestre deste ano. As instituições têm até o fim deste mês para publicar os resultados relativos ao período de abril a junho – os dados são, então, disponibilizados pelo Banco Central em sua página na internet. Até agora, porém, já se sabe que os dez maiores lucraram algo como R\$ 13,4 bilhões no semestre.

Números assim indicam que o presidente Lula tem total razão quando diz que os ricos não têm do que reclamar em seu governo. Basta dizer que, enquanto o lucro dos bancos se conta a dezenas de bilhões, os investimentos realizados em projetos prioritários de infra-estrutura da União este ano não passam de R\$ 2 bilhões. Já as 11 milhões de famílias assistidas pelo Bolsa Família têm reservados R\$ 8,8 bilhões no Orçamento.

Quando se considera a inflação do período, o lucro dos bancos é ainda maior. Atualizado pelo IPCA até julho, o total desde 2003 atinge R\$ 118 bilhões. Por esta metodologia, os ganhos de 2006 superam em 41% reais – ou seja, acima da variação dos preços no intervalo – os verificados em 2002. Não fossem provisões feitas por alguns grandes bancos que nos últimos anos adquiriram outras instituições, os resultados seriam ainda maiores: só o Bradesco tem R\$ 7 bilhões provisionados no seu balanço, e o Itaú, R\$ 7,9 bilhões.



Ganhos com juros

Recentemente os bancos passaram a arrecadar mais com o que de fato deveriam se ocupar: conceder crédito. Mas durante boa parte da gestão Lula este foi um filão bastante secundário no negócio bancário. A maior parte dos lucros vinha mesmo do investimento em títulos do governo remunerados à base dos altos juros praticados pela atual gestão federal.

No jargão financeiro tais ganhos são computados como receitas obtidas com operações com títulos e valores mobiliários. É tudo aquilo que os bancos arrecadam simplesmente aplicando os recursos que têm em papéis. Como a taxa de juros reais que o Brasil pratica ainda deixa boa parte dos demais países para trás, os títulos públicos remunerados a Selic (nosso juro básico) acabam sendo o porto seguro para onde ruma boa parte de tais aplicações bancárias.

Nos últimos quatro exercícios, os 50 maiores bancos obtiveram receita bilionária com as operações envolvendo títulos e valores mobiliários. Sem considerar os dados do segundo trimestre, ainda não consolidados pelo BC, já são exatos R\$ 330 bilhões o que os bancos arrecadaram – apenas nestas operações – em forma de juros pagos pelo governo. Em valores corrigidos pela inflação são R\$ 360 bilhões. Os balancetes que estão sendo divulgados devem somar algo como R\$ 20 bilhões a esta montanha. Para comparar: tal valor acumulado equivale a mais de 60% de tudo o que o país produziu no primeiro trimestre deste ano.

Todos pagam

Os bancos brasileiros continuam a praticar juros de dar água na boca. O *spread* médio em junho estava em 26,06% ao ano. Este é o percentual que separa o que os bancos cobram de quem procura um empréstimo numa agência e o que pagam, em média, a quem deixa o dinheiro aplicado em suas contas correntes. Pela série do BC, a menor marca neste indicador foi obtida em maio de 2001: 25,26% anuais.

No Brasil de Lula a taxa cobrada de uma pessoa física por um empréstimo no cheque especial está em 139,7% ao ano. Já uma empresa chega a pagar 62% anuais numa conta garantida. Um negócio da China para quem concede o empréstimo e a última volta no torniquete para quem toma o dinheiro.

Com a anomalia dos nossos juros internos, os bancos brasileiros lideram com folga o ranking de rentabilidade entre as instituições financeiras mundiais. Seus ganhos também superam tranqüilamente o de empresas de setores como mineração, petróleo e gás. No topo da lista aparece o Itaú, com 16% de rentabilidade sobre o patrimônio líquido no semestre, o que dá 32% quando anualizada. Além dele, os outros três primeiros também são brasileiros: Bradesco, Unibanco e Banco do Brasil, nesta ordem. Nos Estados Unidos negócios de bancos dificilmente rendem acima de 10% por semestre – ou seja, na média, a atividade bancária gera ganhos 50% maiores no Brasil do que lá.

Além da remuneração pelos créditos que concedem, os bancos nacionais ainda conseguem arrecadar mais um naco de seus clientes com a cobrança de tarifas. Estudo feito pela consultoria Austin Ratings mostra que, entre os dez principais bancos do país, essa fonte já responde por 20% da receita total. Na média geral, o percentual fica em 17,7%, ou quase três vezes mais do que era no início do Plano Real, quando o que dava dinheiro aos bancos era a inflação. Só em 2006 foram R\$ 52,8 bilhões, receita mais que suficiente para os bancos quitarem toda a sua folha de pessoal – e ainda sobrar.

Enquanto o Brasil teimar em figurar no topo dos países que mais pagam juros – hoje, com taxas reais de 7,7% ao ano, só perde para a Turquia – a atividade bancária continuará a render lucros astronômicos. A contrapartida disso são os gastos abusivos do Tesouro com os títulos que emite, o que comprime o resto do Orçamento, de resto já prejudicado pelo aumento excessivo das despesas com pessoal e gastos correntes verificado sob Lula. A esse padrão dourado do sistema financeiro brasileiro contrapõe-se a deterioração a olhos vistos que a economia real, principalmente a infra-estrutura, amarga.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.
Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).
Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . Cep 70165-900 . Brasília - DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br